LENDO ISAÍAS 6.1-13 A PARTIR DOS CONTEXTOS HISTÓRICO, LITERÁRIO E TEOLÓGICO

Denilson Homem de Campos[6]

RESUMO

O artigo procura demonstrar a importância dos contextos histórico, literário e teológico para o estudo de passagens bíblicas. Ao tomar por base a perícope de Isaías 6, intenciona demonstrar como o estudo do texto em múltiplos contextos interpretativos contribui para que o leitor apreenda o significado transformador da mensagem profética. Traz, no contexto histórico, o resumo da situação do povo de Israel e de Judá, internamente e diante das nações vizinhas, bem como a importância do templo e do trono para a cultura antiga. Analisa a posição do capítulo 6 no contexto literário do livro de Isaías, assim como descreve a estrutura quiástica e alguns termos hebraicos referentes a Deus e ao profeta. No aspecto teológico, vincula Isaías 6 com Cristo, conforme mencionado pelo apóstolo João no evangelho, além de analisar aspectos do texto-base vinculados aos ambientes histórico e literário, anteriormente vistos. Conclui que a consideração dos aspectos histórico, literário e teológico da obra amplia a compreensão do leitor e o potencial transformador do texto.

Palavras-chave: Isaías 6; Contexto histórico; Contexto literário; Contexto teológico.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é demonstrar a importância da investigação dos contextos histórico, literário e teológico para o estudo de passagens bíblicas, tomando como exemplo o exame do capítulo 6 do livro canônico de Isaías. Com isso em mente, a elaboração do presente texto será guiada pela seguinte pergunta: Como ler Isaías 6, a partir de seus contextos histórico, literário e teológico, a fim de que o leitor apreenda o significado transformador do texto?

O exame conjunto desses três contextos possibilita um quadro interpretativo robusto da obra objeto de estudo. Conforme apontado por Andiñach, há um processo histórico que leva um determinado texto ser considerado canônico, trabalhando-se, dessa forma, uma dimensão atrás do texto. Esse mesmo autor afirma a importância de se reconhecer a natureza dos textos bíblicos e o seu autor semiótico, identificado como a voz profética por trás da obra literária. No entanto, há também a dimensão do texto em si

[6] Mestrando em Teologia pela Fabapar – Faculdades Batista do Paraná, Bacharel em Filosofia pela UniSul – Universidade do Sul de Santa Catarina, Bacharel em Engenharia pelo IME – Instituto Militar de Engenharia. E-mail: campos.denilson@gmail.com, https://orcid.org/0009-0003-2893-8121

mesmo, no sentido de estrutura literária acabada passível de análise quanto à sua organização e relações internas, sem referência aos estágios anteriores, e a dimensão do mundo à frente do texto, realizando-se a tarefa hermenêutica propriamente dita que dá sentido e aplicação ao documento canônico (ANDIÑACH, 2020, p. 27-29).

Dessa forma, a atenção ao cenário histórico contribui para o alcance de aspectos originais da produção textual, o foco no enquadramento literário auxilia na percepção da unidade e estrutura da obra, e a concentração na tecitura teológica ajuda na apreensão da mensagem duradoura do texto. Com isso, mitiga-se, ainda, riscos referentes a anacronismos, incoerências interpretativas e descontinuidades canônicas. Nesse sentido, os tópicos a seguir apresentam o exame histórico, literário e teológico de Isaías 6, esboçados de forma não exaustiva e a partir de pesquisa bibliográfica.

1. O CONTEXTO HISTÓRICO DE ISAÍAS 6 COM ELEMENTOS INTERNOS E EXTERNOS A ISRAEL E A JUDÁ

Em referência ao cenário histórico, menciona-se na sequência dos parágrafos abaixo aspectos dos contextos interno e externo associados a Judá e a Israel, a partir do marco temporal estabelecido pelo profeta. Destaca-se, após isso, a importância dos elementos templo e trono no ambiente cultural, social e religioso da Antiguidade.

O profeta Isaías participou da corte real de Judá e “pôde observar, de uma posição privilegiada para sua tarefa, os problemas religiosos, políticos e sociais da época” (SOUSA, 2022, p. 839). Em seus escritos canônicos, Isaías ofereceu um marco temporal para a visão descrita no capítulo 6: “no ano da morte do rei Uzias”[7] (v.1), por volta de 740 a.C. Essa característica incarnacional da revelação divina, sempre mediada por cenários vinculados a tempo e espaço (OSWALT, 2011, p. 20), permite uma investigação do contexto da época, descrito na sequência a partir dos aspectos externo e interno, referentes a Judá e Israel.

Externamente, observa-se o último grande movimento de ascensão do império assírio. Nessa conjuntura situa-se o período de cerca de 40 anos (740 – 700 a.C.) descrito nos capítulos 1 a 39 do livro profético, durante a vida de Isaías em Jerusalém. Assim, a

[7] Os textos bíblicos deste artigo são transcritos da Nova Versão Internacional – NVI.

Assíria, que já havia reduzido a Síria à condição de província (RIDDERBOS, 1995, p. 12), ressurgiu no cenário externo como principal adversário de Israel e Judá.

Internamente, destaca-se que as seis décadas antecedentes foram de prosperidade e desenvolvimento para Israel e Judá, especialmente em virtude do período de declínio das forças assírias, que haviam imposto sérias derrotas aos domínios hebreus em tempos passados (OSWALT, 2011, p. 21). Para Israel e Judá, no entanto, a estabilidade e a prosperidade política, militar e material desse tempo contribuíram para o orgulho e a falsa sensação de segurança em ambos os reinos.

A respeito de Jeroboão II, os registros canônicos dos reis de Israel são claros em mencionar que ele fez o que o Senhor reprova e não se desviou dos pecados de seus antecessores (2 Re 14.24). Em Judá, embora Uzias tenha sido instruído no temor do Senhor e feito o que Deus aprova (2 Cr 26.4), houve um evento que marcou terrivelmente sua vida e revelou o orgulho que provocou sua queda: “ele foi infiel ao Senhor, o seu Deus, e entrou no templo do Senhor para queimar incenso no altar de incenso” (2 Cr 26.16).

Outros dois aspectos históricos a serem ressaltados no texto de Isaías 6 é a importância cultural, social e religiosa do templo e do trono, na Antiguidade. Primeiramente, a ideia de lugar sagrado, no qual a divindade habitaria com seu povo, consolidando a relação céus-terra, é fundamental para os povos antigos, bem como para a tradição bíblica.

De acordo com Clements, o estabelecimento de lugares sagrados é parte do esforço de tornar acessível a presença dos deuses, de modo a se oferecer serviços e sacrifícios em troca de proteção e outros favores sempre que necessário. Nas regiões mais desenvolvidas da Mesopotâmia, a questão dos lugares de habitação dos deuses, normalmente associado a montanhas, revestia-se de grande importância, até mesmo para se manter a ordem dentro do panteão. Por exemplo, na mitologia ugarítica Baal tinha por morada o monte Zafon, identificado como o atual monte Jabel Acra ou Cásio, o mais alto da Síria, localizado na fronteira com a Turquia (CLEMENTS, 2016, p. 2-6).

Os templos como estrutura física, no entanto, perdiam a relevância quando considerados sem as práticas rituais e a manifestação da divindade, que lhe conferiam vida (HUNDLEY, 1978, p. 4). No caso do povo hebreu, a realidade sagrada do templo,

como lugar de adoração e comunhão com YHWH, revestia-se de características distintas em virtude da aliança estabelecida entre Deus e o povo:

> Apesar de o tabernáculo, os antigos santuários de Betel e Siló e o templo de Jerusalém lembrarem em vários aspectos outros lugares de adoração do antigo Oriente Médio, eles foram concebidos de modo diferente. Em Israel, o santuário não era visto como parte da ordem natural das coisas, mas como uma dádiva graciosa de Deus. Estava diretamente relacionado à histórica aliança que Deus contraiu com seu povo no monte Sinai (Lv 26.12) (McKELVEY, 2009, p. 1210).

Em segundo lugar, destaca-se o papel exercido pelo soberano nas culturas antigas do Oriente Próximo. No geral, eram vistos como representantes das divindades adoradas pelo povo ou mesmo como possuidores de uma natureza divina, pessoas capazes de mediar ou guardar a ordem cósmica. Conforme exposto por Radner, para a mentalidade assíria nos tempos da elaboração de Isaías 6, por exemplo, o rei habitava uma esfera especial, afastada da humanidade e próxima do mundo divino. Todas as inscrições reais indicavam que o rei era o representante terreno do deus Assur e o agente humano dos deuses, encarregado de executar a sua vontade. Assim, na Assíria, o título de rei era reservado apenas para o soberano assírio, a quem se dirigia simplesmente como “o rei, meu senhor” (RADNER, 2010, p. 25).

No contexto do Antigo Testamento, a função real dividia espaço com os sacerdotes e profetas. Na visão de Eichrodt, o que criava, tornava capaz e sustentava o rei era a demonstração de estar cheio do poder de Deus, com a manifestação de dons carismáticos expressos em obras e grandes façanhas, inclusive bélicas. Por isso, esse autor fala o seguinte a respeito da mensagem profética referente à dinastia real:

> Isaías tem diante de seus olhos a destruição da dinastia davídica quando fala do tronco de Jessé (11.1); Jeremias e Ezequiel veem a monarquia de sua época, à qual não concedem nenhuma possibilidade de futuro, ser substituída por uma nova fundação, na qual o soberano que será colocado pelo próprio Yaweh, diferentemente da monarquia política e militar do presente, será um ministro teocrático (EICHRODT, 2005, p. 619-620).

Dessa forma, salienta-se que o estudo do contexto histórico de Isaías 6 mostra Israel e Judá envoltos numa realidade temporal de dominações políticas, forte religiosidade e disputas por influência cultural e territorial. A análise desse ambiente aprofunda a percepção sobre o sentimento de crise nacional e a mensagem de esperança e juízo dirigida ao povo, contribuindo para um melhor entendimento da obra profética. No

tópico seguinte, ao se abordar o aspecto literário do texto, procurar-se-á alcançar a necessária complementaridade desses dois contextos.

2. O CONTEXTO LITERÁRIO DE ISAÍAS 6: POSICIONAMENTO, ESTRUTURA E TERMOS UTILIZADOS

Na sequência, procura-se examinar primeiramente, em termos literários, o posicionamento da vocação profética encontrada no capítulo 6, no âmbito da estrutura geral da obra profética. Essa análise é de fundamental importância para a compreensão da estrutura intencional do livro como obra literária e de sua coesão textual, além de fornecer elementos relevantes para o entendimento da mensagem teológica, conforme abordado no tópico 3 do artigo. Em seguida, estuda-se de modo resumido a estrutura quiástica do capítulo e alguns termos empregados no texto objeto da análise.

Do ponto de vista literário, como observa Schmitt, a perícope de Isaías 6 é um relato vocacional repleto de discursos diretos e com predominância da fala poética, marcada por repetições. O chamado do profeta traz suas peculiaridades, mas guarda a estrutura geral de outras vocações (Abraão, Moisés, Gideão, Samuel, Amós, Jeremias, Ezequiel etc.): manifestação divina (teofania), comissionamento (missão), relutância do profeta (objeção) e a confirmação do chamado por meio da ação de Deus (sinal) (SCHMITT, 2013, p. 386-388). Salienta-se, ainda, que nesse artigo concebe-se teofania como manifestação geral de Deus, por meio de visões, aparições e revelações (VAUCHEZ, 2013, p. 25).

Comentaristas mais antigos, possivelmente capitaneados por Calvino, tendem a considerar o relato do capítulo 6 de Isaías como um evento subsequente ao chamado primário do profeta, preservando assim a ordem cronológica do texto (OSWALT, 2011, p. 218). No entanto, ao se examinar a força narrativa do texto e o poder transformador da experiência pessoal do autor, percebe-se que esses elementos advogam em prol do chamado inaugural de Isaías.

Autores como Leibreich, Motyer e Childs elaboram entendimentos complementares sobre o posicionamento do chamado e comissionamento inaugural de Isaías. Como parte central dos doze primeiros capítulos do livro, o texto de Isaías 6 oferece respectivamente uma conclusão e uma introdução para os blocos textuais

antecedente e subsequente (LEIBREICH, 1954, p. 40). Isaías introduz o livro, expressando seu entendimento sobre a situação de Israel e Judá, por ocasião de seu chamado profético, e prossegue relatando sua comissão fundamental e sua resposta à síntese situacional feita nos capítulos 1 a 5, resumindo a mensagem de julgamento e esperança graciosa até o capítulo 12, a partir das memórias relacionadas à guerra siro-efraimita (MOTYER, 2016, p. 97).

Em seu comentário sobre o livro de Isaías, Childs se posiciona em favor da unidade literária, do significado semântico e da coerência teológica da composição canônica, refuta abordagens contrárias e corrobora a ideia do chamado profético como resposta divina à crise moral e espiritual instaurada no povo, relatada nos capítulos anteriores ao sexto (CHILDS, 2001, p. 52-54). Como salienta Cole, realmente, há uma sequência de oráculos com “Ai” (**הוי**) em Isaías 5.8, 11, 18, 20, 21, 22 que cessam e reaparecem em Isaías 10. 1, 5; assim como o refrão que promete a exaltação divina e o rebaixamento do orgulho humano, presente nos capítulos 2 a 5, reaparece nos capítulos 9 e 10. No entanto, a fraqueza da crítica literária tradicional consiste principalmente em tratar inadequadamente a forma atual do texto, que se mostra intencional, coesa e coerente, com importantes consequências hermenêuticas (COLE, 2011, p. 162).

Nessa perspectiva, Isaías 6 se revela central para a compreensão da mensagem profética. Oswald resume a ideia geral sobre o posicionamento do texto referente ao chamado de Isaías da seguinte forma:

> Por isso é impossível ligar o capítulo 6 exclusivamente aos capítulos 1–5 ou exclusivamente aos capítulos 7–12. Ele funciona com ambas as seções, mostrando, com ambas, a via de esperança para o futuro (nos caps. 1–5) e explicando a presente situação (nos caps. 7–12). Nesse sentido ele é um capítulo genialmente estratégico, modelando e definindo o livro como um todo (OSWALT, 2011, p. 223).

Visto a relevância literária de Isaías 6 e sua localização no âmbito da obra profética, passa-se na sequência ao exame da estrutura textual, bem como de alguns termos associados à experiência do profeta com o Senhor (**יהוה** ou **אדני**). Na estrutura quiástica, conforme proposto por Hon (2019, p.30), percebe-se com clareza a importância que a literatura bíblica dá aos atributos de ver e ouvir espiritualmente a voz divina, para que a mensagem chegue ao coração. Salienta-se, ainda a ênfase nas sentenças centrais

que tratam da glória e da santidade de Deus e da resposta ativa do ser humano diante da revelação do alto.

De plano, a descrição do ambiente no qual se encontra Adonai, prefigurado como Rei-Sacerdote, mostra serafins (**שרף**) reverentes exaltando a glória (**כבוד**) daquele que é perfeitamente santo (**קדוש**). O significado da palavra serafim (v. 2, 6 - **שרף**) encontrado aqui, referindo-se a seres angelicais, é único no cânon bíblico. O termo aparece outras vezes em Isaías e em outros livros do Antigo Testamento (Nm 21.6-8; Dt 8.15; Is 14.29; Is 30:6), mas no sentido de serpente venenosa ou abrasadora – em referência à queimação causada pelo veneno (STRONG, 2002, sem paginação). Com isso, pode-se perfeitamente associar esses seres aos termos brasa (v.6-7 - **רצפה**) e fumaça (v.4 - **עשן**), correlatos ao elemento fogo, que em diversas passagens das Escrituras expressam a presença santa e gloriosa de Deus (Êx 3.1-6; 13.21; 19.18; Lv 10.1,2; Nm 11.1,2; 1Rs 18.24). Assim, "seria inteiramente apropriado que aqueles que declaram essa santidade (v. 3) tivessem a aparência de 'chama'" (OSWALT, 2011, p. 227).

A santidade divina manifesta-se gloriosa sobre toda a terra e céu. A presença celestial de Adonai se mostra na criação, que subsiste em sua poderosa providência. O termo glória (v. 3 - **כבוד**) deriva-se de uma raiz primitiva **כבד**, com significado de ser importante, digno e honrado (STRONG, 2002, sem paginação). De imediato, a honra se contrasta com a desonra, o digno com o indigno, o importante com aquele que foi destituído de seu lugar por causa da corrupção, pois "onde a glória de Deus se manifesta, aí está o juízo contra o pecado, pois os dois não podem existir lado a lado" (OSWALT, 2011, p. 230).

Ao contemplar a glória do Senhor dos Exércitos (v. 5 - **צבאה יהוה**) e ouvir a expressão de adoração dos serafins, Isaías se vê perdido (v. 5 - **דמה**), impuro (v. 5 - **טמא**) e culpado (v. 7 - **עון**). O primeiro termo (perdido - **דמה**) tem o sentido de destruição, de perecimento, de ser cortado fora; o segundo (impuro - **טמא**) aponta para o afastamento da pureza ou santidade, seja ritual, ética ou religiosa; e o terceiro (culpado - **עון**) se refere à perversidade, à depravação ou à iniquidade que gera culpa (STRONG, 2002, sem paginação).

A solução para todos esses males não está no plano terreno, mas no celestial: um serafim traz uma brasa viva do altar, toca com ela os lábios de Isaías, para perdão (v. 7

- כפר) de seus pecados e afastamento (v. 7 - סור) de sua iniquidade. Esses vocábulos trazem a ideia de se desviar da iniquidade e ser encoberto, purificado do pecado, gerando reconciliação diante de ruptura anterior (STRONG, 2002, sem paginação).

Assim, observam-se os paralelismos associados à força de alguns termos que compõem a tecitura literária de Isaías 6. Além disso, pode-se compreender a intencionalidade do posicionamento do capítulo na estrutura do livro, dando significado à mensagem teológica, conforme tratado no tópico seguinte.

3. O CONTEXTO TEOLÓGICO DE ISAÍAS 6 E O APONTAMENTO PARA CRISTO

Nesse último tópico do artigo, procura-se construir um exame teológico do texto-base, vinculando-o a elementos históricos e literários explorados anteriormente. O estudo salienta a associação entre a visão de Isaías e Cristo, conforme registrada no evangelho de João. Jesus é aquele que definitivamente cura as pessoas do pecado com seus efeitos de cegueira, surdez e endurecimento de coração.

Conforme observado por Cole, vê-se na revelação do rei-sacerdote celestial uma razão para Isaías associar a teofania com o ano da morte de Uzias, ao invés de referenciá-la com o primeiro ano do reinado de Jotão. Uzias foi achado indigno para exercer a função sacerdotal de queimar incenso no altar, contraiu lepra e faleceu em razão disso; mas, diante de Isaías, apresentou-se o eternamente digno rei-sacerdote (COLE, 2011, p. 172-173). Assim, afirma-se que o orgulho humano leva à destruição (Pv 16.18; Tg 4.6), porém, a exaltação da glória divina é legítima e dura para sempre.

A visão é esplendorosa e une o trono e o templo à figura de YHWH. O Senhor dos Exércitos está assentado em um trono suspenso (alto e elevado), símbolo que remete ao rei e não se origina no templo: os hebreus aprenderam a falar do trono divino a partir de seus reis; no entanto, o Soberano visto por Isaías está sentado, no alto (SCHMITT, 2013, p. 391-392).

O Novo Testamento apresenta de forma direta a associação entre a visão de Isaías e Jesus, conforme diz o apóstolo João no evangelho: “Isaías disse isso porque viu a glória de Jesus e falou sobre ele” (12.41). Nesse verso, João refere-se aos efeitos espirituais de cegueira, surdez e endurecimento de coração (Is 6.10). Assim, Isaías, tal como Abraão

antes dele, teve a oportunidade de ver de maneira antecipada o que João e os demais discípulos viram e tocaram fisicamente nos seus dias, na plenitude dos tempos (BRUCE, 1987, p. 235). Sobre o trecho “e falou sobre ele”, Carson levanta a possibilidade de o evangelista estar pensando no Servo sofredor que foi posteriormente exaltado. Assim, poder-se-ia conectar as passagens de Isaías ligadas pelos temas de obstinação (Is 6.10 e 53.1), de ser levantado (Is 6.1 e 52.13), de glória (Is 6.3 e 53.13) e de pecado (Is 6.7 e 53.12) (CARSON, 2007, p. 448).

Diante da visão, opera-se profunda transformação na vida de Isaías. Com a luz emanada da glória de Deus, o profeta enxerga mais nitidamente sua realidade e expressa sua condição com um brado: “Ai de mim! Estou perdido!” (Is 6.5). Essa condição é identificada com todo seu povo e, posteriormente, estendida às outras nações.

A única solução possível apresentada ao problema humano não é terrena, mas vem do alto. Um dos serafins traz uma brasa viva do altar e toca com ela os lábios do profeta. Os lábios, nesse contexto, podem ser vistos como expressão do coração, da vontade humana, que é a fonte de toda a vida. Oswalt relata a incerteza quanto à identificação desse altar, mencionando que os autores se dividem entre o altar do sacrifício e o altar do incenso. No entanto, independente da procedência da brasa, o foco está em seu efeito expiatório e purificador: “é por meio do fogo, o fogo da própria pureza de Deus, que os arrependidos passam a assemelhar-se a ele [Deus]” (OSWALT, 2011, p. 233).

Ao tempo que a presença ativa do pecado na vida humana gera afastamento de Deus, a proximidade com Deus afasta o ser humano do mal. No caso de Isaías, a iniquidade é afastada (removida) e o pecado perdoado. Nas páginas do Novo testamento, também lemos que o desajuste essencial de Isaías e do povo de sua época é o que afeta todo ser humano: corrupção da natureza humana e culpa gerados pelo pecado. Sobre isso, Cottrell assevera que para solucionar esse duplo problema, Deus providenciou definitivamente, por meio de Cristo, uma dupla cura. Primeiramente, o dom da justificação resolve o problema da culpa e remove todo o castigo, pelo perdão. Depois, a regeneração afasta a iniquidade com o surgimento da nova criação, pela presença do Espírito Santo (COTTRELL, 2020, p. 479). É para essa realidade do presente que apontava a mensagem de Isaías 6, ao falar da mudança do profeta pela dádiva de Deus.

A experiência transformadora de Isaías culmina na disposição para o serviço. Middleton vê semelhança de Deus, em Gênesis 1, reportando-se ao conselho divino ou à corte celestial (“façamos o homem à nossa imagem” – Gn 1.) e, em Isaías 6, perguntando aos serafins (“Quem enviarei? Quem irá por nós?” – Is 6.8). Assim como Isaías viu o Senhor “assentado num trono alto e exaltado” (6:1), o escritor de Gênesis 1 retrata Deus como o rei que preside o céu e a terra (MIDDLETON, 2005, p. 106-107).

Eis a resposta do ser humano transformado, tornado digno pela graça emanada do alto: “Eis-me aqui, envia-me!” (Is 6.8). Oswalt ressalta: “diferente de Adão e Eva, que buscaram ocultar-se da voz perquiridora, Isaías, [...] não pôde guardar silêncio. [...]. Um tão agradecido oferecimento de si mesmo é sempre o clamor dos que têm recebido a graça de Deus” (OSWALT, 2011, p. 235). Certamente a lembrança viva dessa experiência com o Senhor sustentou Isaías ao longo de seu árduo trabalho profético.

Com isso, Isaías passou a ter as mesmas características da santa semente, os remanescentes ou o renovo do Senhor, aqueles que permanecem fiéis a Deus, mesmo diante de tempos difíceis e apostasia. Estes são retratados com os mesmos atributos de Deus: santos e gloriosos (Is 4.2-3; 6.3) – pessoas redimidas, tornadas dignas e honradas pelo Senhor, tendo restaurada a *Imago Dei*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de uma abordagem que prioriza a leitura do texto em múltiplos contexto interpretativos, pode-se fortalecer o elo entre a Escritura e a vida, entre o passado e o presente, entre a forma e o conteúdo, entre o texto em si e o Deus que fala por meio dele. Assim como foi aplicado em Isaías 6, conforme demonstrado nos tópicos deste artigo, o exame desses três contextos pode ser realizado em qualquer outro texto bíblico, visando alcançar o sentido transformador da Escritura.

Nessa esteira, por meio do estudo histórico de Isaías 6, percebeu-se que mesmo em tempos de prosperidade, até mesmo o rei foi achado indigno de ofertar a Deus sem mediação, e o templo e o trono não representavam solução sem a presença de Deus. A partir da análise literária, verificou-se que a iniciativa redentora pertence a Deus e somente pela providência divina o ser humano pode ter restauradas honra, glória e dignidade. Isso se dá por uma dupla cura: o afastamento da iniquidade e o perdão dos

pecados. O exame teológico do texto, permitiu verificar que Isaías 6 aponta para Cristo, como afirmado pelo apóstolo João no evangelho. Jesus é o mediador perfeito e autor definitivo da redenção humana; por meio dele, a iniquidade é afastada permanentemente e os pecados são definitivamente perdoados.

Dessa forma, ressalta-se a importância do exame dos múltiplos contextos (em especial, o histórico, o literário e o teológico), pois a ausência de qualquer um deles prejudicaria a construção da ideia geral e a conclusão do estudo. Por um lado, a análise teológica ficaria empobrecida sem a luz lançada pelos aspectos histórico e literário. Por outro lado, o estudo apenas literário ou histórico não teria sua plena funcionalidade e aplicação sem os elementos teológicos. Ao tempo que a consideração conjunta dos aspectos histórico, literário e teológico da obra amplia a compreensão do leitor e o potencial transformador do texto.

Como este artigo se trata de estudo resumido sobre os contextos aplicados a Isaías 6, vislumbra-se a possiblidade de desenvolvimentos futuros a partir da base aqui lançada. Por exemplo, do ponto de vista histórico, pode-se aprofundar o tratamento da cultura e da mitologia dos povos antigos sobre os serafins e a visão hebraica sobre as serpentes. Na perspectiva literária, pode-se avançar no estudo da poesia hebraica presente em Isaías 6 e na análise de outros termos vinculados à glória divina e ao processo redentivo humano. No contexto teológico, por sua vez, abre-se margem para o exame de Isaías 6, à vista de outros textos subsequentes (capítulos 7 a 12) que também apontam para Cristo, além da associação com trechos referentes ao Servo sofredor, à luz do que diz o Novo Testamento. Além disso, salienta-se que a abordagem alicerçada nesses três contextos interpretativos não é exaustiva, podendo ser complementada, por exemplo, com elementos da tradição hermenêutica da igreja e com a sensibilidade espiritual do leitor.

REFERÊNCIAS

ANDIÑACH, Pablo R. **Introdução hermenêutica ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2020.

BRUCE, FF. **João**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1987.

CARSON, Donald A. **O comentário de João**. São Paulo: Shedd, 2007.

CHILDS, Brevard S. **Isiah**: a commentary. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.

CLEMENTS, Ronald E. **God and Temple**. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2016.
COLE, Robert L. **Isaiah 6 in Its Context**. In: Southeastern Theological Review, vol 2, nº 2 Winter 2011. Disponível em: https://www.sebts.edu/wp-content/uploads/2023/06/STR_2_2_Cole.pdf. Acessado em: 27 mai. 2025.

COTTRELL, Jack. **A fé de uma vez por todas**. São Paulo: Reflexão, 2020.

EICHRODT, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2005.

HON, Lenny Kwok-Ming. **Seeing the Book of Isaiah through the Lens of Isaiah 6**: a theological study of the tensions between the Holy One and Israel in a canonical approach." M. Div., Tyndale University College & Seminary, 2019. Disponível em: https://digitalcollections.tyndale.ca/bitstream/handle/20.500.12730/1989/Hon_Lenny_Kwok_Ming_M_Div_2019.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acessado em: 13 mai. 2025.

HUNDLEY, Michael B. **Gods in dwellings**: temples and divine presence in the ancient Near East. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1978.

LIEBREICH, Leon J. **The position of chapter six in the book of Isaiah**. In: Hebrew Union College Annual, Vol. 25 (1954), pp. 37-40. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/23503726. Acessado em: 17 abri. 2025.

McKELVEY, Robert J. Templo. In ALEXANDER, Desmond e ROSNER, Brian S. **Novo dicionário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Vida, 2009.

MIDDLETON, Richard. **The Liberating Image:** The Imago Dei in Genesis 1. Ada: Baker Academic, 2005.

MOTYER, Alec. **O comentário de Isaías**. São Paulo: Shedd Publicações, 2016.

OSWALT, John. **Comentários do Antigo Testamento: Isaías**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. Vol 1.

RADNER, Karen. **Concepts of kingship in Antiquity**: Assyrian and Non-Assyrian Kingship in the First Millennium BC. Padova: Sargon, 2010.

RIDDERBOS. Jan. **Isaías: introdução e comentário**. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SCHMITT, Flávio. **Um chamado para a vida**. In: Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 5, núm. 2, julho-dezembro, 2013, pp. 381-403. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/12905. Acessado em: 9 abri. 2025.

SOUSA, Rodrigo F. **Comentário bíblico latino-americano** (Org. C. René Padilla et all). São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

STRONG, James. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. [Recurso eletrônico].

VAUCHEZ, André. **Cristianismo**: dicionário dos tempos, dos lugares e das figuras. Rio de Janeiro: Forense, 2013.